



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DELANISSON DE ARAÚJO PEREIRA

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DOCUMENTÁRIO: ENTRE RIMAS E IMPROVISOS: AS BATALHAS DE RAP EM
ALAGOAS

Maceió
2021

DELANISSON DE ARAÚJO PEREIRA

**RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DOCUMENTÁRIO: ENTRE RIMAS E IMPROVISOS: AS BATALHAS DE RAP EM
ALAGOAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
entregue como requisito parcial para conclusão
do curso de Jornalismo, da Universidade
Federal de Alagoas (UFAL), sob a orientação
da Prof.^a Dr.^a. Raquel do Monte.

Maceió

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

P436d Pereira, Delanisson de Araújo.

Documentário : entre rimas e improvisos : as batalhas de rap em Alagoas /
Delanisson de Araújo Pereira. – 2021.
22 f. : il.

Orientadora: Raquel do Monte.

Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
Maceió, 2021.

Acompanha 1 filme (17 min).

Bibliografia: f. 22.

1. Hip-hop (Cultura popular). 2. Músicos de rap - Alagoas. 3. Músicos -
Competição. I. Título.

CDU: 784.66:316.022.4(813.5)

AGRADECIMENTOS

Muitos falam sobre o processo difícil que é graduação, em meio a minha, conheci várias pessoas, que concluíram, que desistiram, até mesmo que tiraram sua vida, pela pressão de dentro e de fora da Universidade. Mas vivenciar esse universo que é uma experiência única.

Apesar das dificuldades, o aprendizado é o mais importante, mas não só o aprendizado acadêmico, que é o foco principal. Na universidade aprendi política, aprendi sobre reciprocidade e responsabilidade social, aprendi sobre novos conceitos de mundo e assim militei, participei de eleições, entrei no movimento estudantil e em partido político.

Muito que sou hoje faz parte de uma nova pessoa, que cresceu em meio aos problemas que era de todo dia sair de Marechal Deodoro para a Ufal, passando pelas canas de açúcar e sentindo o odor da vinhaça.

Mas ao concluir essa etapa, o sentimento é de gratidão e orgulho. Gratidão por todos que estiveram presentes nesse processo e que, de alguma forma, me ajudaram concluir o curso de jornalismo. E orgulho de mim mesmo, que humildemente cheguei ao fim.

Aqui trago os agradecimentos especiais: minha família, em especial minha mãe que sempre me apoiou em tudo, minha namorada que também me ajudou muito no trabalho, meus amigos, em especial ao Zazo, meus colegas de curso, ao movimento estudantil da Ufal, aos professores do curso, em especial professora Raquel do Monte que abraçou e ajudou no meu trabalho de conclusão, à Cia Hip-Hop por ter me ensinado o que é essa cultura e como ela pode mudar vidas.

Em um país que a ignorância virou pensamento político, expresso aqui também minha crença na educação pública e de qualidade, em uma universidade que produza para além dos seus muros, mais humana para todos que vivem e que irão viver parte de sua vida lá.

Gratidão!

Um país se faz da educação.
Quem planta arma, colhe corpo no chão.
Temos que acreditar nas favelas, nos cortiços.
Chega de morrer por migalhas, de mofar em presídios!

- Facção Central

RESUMO

Com o nome “Entre Rimas e Improvisos: as batalhas de rap em Alagoas”, o documentário fala sobre a história das batalhas de hip-hop no estado. A partir da narração de Mcs e produtores, é feita uma linha do tempo, apresentando o início das batalhas, quando ainda eram apenas rodas de improviso, momentos importantes para o movimento, como a ida para o Duelo de Mcs Nacional, chegando até o período da pandemia do Covid-19, onde as batalhas no estado tiveram que parar. O vídeo também relata as dificuldades e preconceitos que as batalhas e os rimadores ainda sofrem, a falta de incentivo pelo poder público e a forma como a polícia age com o movimento.

Palavra-chave: hip-hop, batalha, mc

ABSTRACT

Named “Entre Rimas e Improvisos: the rap battles in Alagoas”, the documentary talks about the history of hip-hop battles in the state. From the narration of Mcs and producers, a timeline is made, showing the beginning of the battles, when they were still just improvisation wheels, important moments for the movement, such as going to the National Duel of Mcs, reaching until the period of the Covid-19 pandemic, where battles in the state had to stop. The video also reports the difficulties and prejudices that battles and rhymes still suffer, the lack of incentive by the government and the way the police act with the movement.

Keyword: hip-hop, battle, mc

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo geral	11
2.2 Objetivo específico	11
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO	15
4.1 Entrevistados.....	18
4.2 Cronograma de Filmagens	18
4.3 Cronograma de Produção	20
4.4 Ficha Técnica	20
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

Com o nome “Entre Rimas e Improvisos: as batalhas de rap em Alagoas”, o documentário fala sobre a história das batalhas de hip-hop no estado. A partir da narrativa de Mcs e produtores dessas batalhas, o vídeo segue uma linha do tempo, trazendo as primeiras rodas de rimas e como tudo se iniciou, os momentos importantes para a cena, chegando até os tempos atuais, com a pandemia da Covid-19.

As batalhas de hip-hop são duelos realizados por Mcs que enfrentam uns aos outros com rimas feitas na hora. Surgiu nos anos noventa nos Estados Unidos, como uma modalidade nova do hip-hop, chegando no Brasil a partir dos anos 2000.

Essa modalidade tem crescido muito na última década no país, o que tem resultado em grandes eventos voltados apenas para essa prática. Os dois tipos de batalha mais comuns são: com tema, normalmente chamado de “batalha do conhecimento”, e sem tema, que é chamado de “batalha de sangue”.

Em Alagoas essas batalhas surgiram em meados de 2012, na capital, Maceió. Aqui, o freestyle se iniciou apenas como rodas de improvisação, realizadas como programação em eventos de hip-hop. Atualmente, podemos encontrar as batalhas em várias cidades do Estado, do litoral ao sertão.

Apesar do movimento ser mais forte no Sudeste, em Belo Horizonte e em Brasília, os duelos entre os Mcs aqui no estado têm tomado outro patamar, principalmente após a primeira participação de dois alagoanos no Duelo Nacional, que é realizada em Belo Horizonte. A ida ao Duelo Nacional gerou boas expectativas entre os rimadores do estado, além de ser um marco na história do freestyle em Alagoas.

O Duelo Nacional de Mcs, como já diz o nome, é uma batalha de nível nacional, que até 2019 suas seletivas eram feitas por chaves que tinham de 3 a 4 estados cada, o rimador que ganhasse a chave participaria do Duelo em BH. A partir de 2020 o coletivo Família de Rua, organizadores do Nacional, mudaram a dinâmica, onde todos os estados irão mandar pelo menos um representante.

Com a minha vivência no movimento Coletivo Cia Hip Hop, pude conhecer o outro lado da cultura, o hip-hop militante. Em 2019 participei da fundação da Batalha da Lost, que é realizada no centro histórico de Marechal Deodoro, onde pude conhecer mais a cena do freestyle regional e nacional. Apesar de já acompanhar batalhas de outros estados pelas redes

sociais, dentro do movimento pude entender os símbolos, os signos e a importância de alguns eventos e personagens.

A escolha do tema não vem apenas dessa vivência, mas também do meu interesse por produzir um trabalho para além dos muros da Universidade. O documentário tem como objetivo evidenciar a cultura hip-hop através de sua essência de luta e resistência, e apesar de, atualmente, ter muitas produções publicadas no YouTube e ocupar um lugar relevante na indústria fonográfica, ainda sofre preconceitos, sendo visto por muitos como “marginalidade”.

O documentário traz personagens importantes da cena do freestyle alagoano. De Mc a produtores e organizadores de batalhas, os personagens estiveram presentes em grandes momentos para o movimento do estado, como a primeira roda de improviso de Alagoas, o primeiro Mc a participar de uma seletiva do Duelo Nacional, o primeiro alagoano a chegar no evento principal do Duelo Nacional etc. Além desses momentos, também é passado a vivência de quem constrói as batalhas em Alagoas e o que essa “nova categoria” do hip-hop ainda sofre, com o preconceito e a falta de incentivo.

2 OBJETIVO

2.1 Geral:

O objetivo do trabalho é apresentar a história das batalhas de rap em Alagoas, demonstrando os problemas existentes na atualidade, como o preconceito e a repressão, e o que vem acontecendo com essas batalhas no período pandêmico.

2.2 Específicos:

- Apresentar o corte histórico de como surgiu e se expandiu as batalhas em Alagoas;
- Entender o que é e qual a importância da Batalha Nacional para os artistas locais;
- Quais os problemas enfrentados pelas pessoas que constroem as batalhas em meio a pandemia da Covid-19;
- Denunciar o preconceito e a repressão que sofrem os praticantes das batalhas de rap;

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O hip-hop é um gênero musical e uma subcultura que surgiu na década de 70, em Nova Iorque, Estados Unidos. A primeira pessoa a usar esse termo e assim considerado o criador dessa cultura é Afrika Bambaataa, nome artístico de Lance Taylor. Bambaataa é DJ, cantor, compositor, produtor e ativista da causa racial.

Nascido no Bronx, distrito de Nova Iorque, o hip-hop tem quatro pilares essenciais: o rap, o DJ, o breakdance e o grafite. Toda essa base do hip-hop se inicia em um período turbulento para a população negra estadunidense e aparece exatamente como denúncia contra uma verdadeira guerra racial estabelecida nos Estados Unidos.

Desde seu surgimento, essa subcultura tem sido perseguida pelo governo, pela mídia e até por críticos musicais. Quando chegou ao Brasil nos anos 80, em São Paulo, ainda no final da Ditadura Militar, essa expressão cultural passou pelos mesmos problemas.

Alguns documentários como *É Tudo Nosso! O Hip-Hop Fazendo História*, produzida por Toni C., e o *Marco Zero do Hip-Hop*, dirigido por Pedro Gomes, trazem relatos sobre perseguições e prisões de alguns artistas que praticavam o breakdance, na esquina das ruas 24 de maio com a Praça Dom José de Barros, em São Paulo (GOMES, 2014).

Esses ataques aos artistas não partiram das críticas feitas pelo movimento hip-hop a questões sociais e políticas que o Brasil vivia naquele período, mas apenas pelo estilo musical-dançante usado por eles não seguir os padrões considerados “certos” ou “hegemônicos” para a época, discriminados pela cor de sua pele e classe social.

Com o crescimento da cultura hip-hop pelo Brasil e o “boom” do rap nacional nos anos 90, esse segmento musical começou a ser tratado como “coisa de bandido” e muitos críticos musicais caracterizavam o rap apenas como “barulho”. Como o historiador Roberto Camargos debate em seu livro *Rap e Política: percepções da vida social brasileira*.

Em seu livro, Camargos apresenta recortes de alguns comentários feitos por jornalistas nos anos 90 e começo dos anos 2000, onde tratavam o rap como “apropriação de melodias alheias e discurso no lugar de canto, sem muito polimento”, ou “música de moleque ainda, de marginal, de bandido” (CAMARGOS, 2015).

Com o rap nacional dos anos 90 carregando letras fortes, que falavam sobre a vivência nas favelas e denunciavam as atrocidades que lá aconteciam, esse setor mais desfavorecido da sociedade se sentia representado pelos grupos e artistas da época, surgindo assim nomes como Racionais Mcs, Sabotage, Trilha Sonora do Gueto, Facção Central, entre outros. Para Roberto

Camargos, as músicas desse período foram uma espécie de termômetro para que fosse possível entender as tensões sociais da época: “A ideia é pensá-lo em sua totalidade: como música, como composição textual, como um produto e como uma prática de tempo e contexto específico.” (CAMARGOS, 2015, pág. 16).

Para a socióloga Amanda Ferreira Gomes, ainda nos anos noventa, o grupo Racionais MC's, com seu CD “Sobrevivendo ao Inferno”, conquistou a indústria cultural reivindicando suas pautas. E a música “marginal” conseguiu mostrar as lutas da juventude negra periférica para todos os cantos da sociedade.

“Dentro disso, o grupo Racionais MC's se constituiu como um ícone nas periferias, e foi no auge do álbum Sobrevivendo no Inferno que o movimento Hip Hop em São Paulo conseguiu minimizar o status de marginalizado, propiciando colocar esse gênero no âmbito da indústria cultural e consequentemente na visibilidade de temas tão urgentes para as periferias como o racismo, a desigualdade social, a miséria, a fome, a falta de saneamento básico e tantas outras mazelas. Nessa injunção, o Racionais MC's conseguia ao mesmo tempo transmitir a representação de multidões e criar referencial e identificação para as pessoas que viviam na pele, os versos de suas letras.”

Para entender as batalhas de rap, era necessário ter uma pequena introdução do que é o hip-hop, de onde e como ele surge. Era também necessário compreender o contexto social do período em que esse segmento cultural chega ao Brasil, como era tratado, suas pautas e o momento em que as batalhas aqui no país se iniciaram.

No Brasil as batalhas de rap tem início no começo dos anos 2000, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Para seguir esse trabalho e caminhar para o tema principal, vamos entrar no universo das periferias no início do novo século, onde o racismo ainda é muito forte e a cultura hip-hop continua sofrendo preconceitos.

Para dar continuidade ao tema, temos que falar das batalhas como uma ocupação de espaços da cidade, por parte de uma juventude que se encontra nas margens da sociedade, nas periferias e bairros em que o estado só age com sua força armada. A partir disso, vejamos as batalhas como elas realmente são, produções que começam nas próprias favelas, organizando a juventude de seus bairros, como forma de fomentação da arte e do entretenimento.

As batalhas começam a ser realizadas por coletivos e movimentos nos próprios bairros em que os organizadores moram. Assim, partiremos da compreensão do movimento hip-hop de forma organizada, não só no Sudeste, mas também aqui em Alagoas, onde a origem dessas “rinhas de rimadores” era realizadas pelas Posses.

“As posses são formas de organização próprias do hip-hop que dispõem espaços de discussão e planejamento para intervenções políticos/culturais, buscando atingir as comunidades, participar de oportunidades políticas e disputar por capitais simbólicos e meios de financiamento, com o objetivo de fomentar os artistas locais e alcançar certa autonomia para as mobilizações”. (BARROSO, 2019, pág. 94)

O que queremos realmente falar aqui, é sobre uma certa mudança no protagonismo do hip-hop em Alagoas, que chegou no Estado a partir do breakdance nos anos 80 (SANTOS, 2014). Atualmente, podemos ver o movimento de forma mais firme e contínua com as batalhas de improvisação, dominando territórios que já fazem parte da história do hip-hop alagoano (BARROSO, 2019).

Esse trabalho de conclusão será apresentado pela produção de um documentário. A partir do pensamento de Bill Nichols, que aponta seis subgêneros para documentários, podemos identificar o enredo que o vídeo propõe. O documentário seguirá as características, do que Nichols chama, modo expositivo (NICHOLS, 2001).

Apesar de usar a principal característica do subgênero, que é agrupar “fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética” (NICHOLS, 2001), o trabalho também seguirá outras linhas de produção. Como o próprio cineasta fala em seu livro “Introdução Ao Documentário”: “Cada documentário tem sua voz distinta. Como toda voz que fala, a voz fílmica tem um estilo ou uma ‘natureza’ própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital. Ela atesta a individualidade do cineasta ou diretor [...]” (NICHOLS, 2001, pág 135).

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

A ideia do tema foi estabelecida no final de 2019, quando ajudei a realizar uma das maiores edições da Batalha da Lost, no mês de dezembro. Por conhecer o movimento, a criação do roteiro e a escolha dos personagens foi “fácil”. De início, o documentário teria a intervenção de um narrador, que falaria sobre o hip-hop e faria a ligação entre os temas do curta.

Com o roteiro definido, comecei as gravações em janeiro de 2020. Ainda nesse ano, pude comparecer em algumas batalhas da capital, já que a ideia inicial era filmar a maioria, até batalhas dos interiores. Consegui colher várias imagens na Batalha do Osman, organizada no bairro do Clima Bom, na Batalha da Guild, no bairro do Jacintinho, e na Batalha da Lost, no centro histórico da cidade de Marechal Deodoro. No período de janeiro a março de 2020 gravei algumas entrevistas com os Mcs e produtores.

Com a pandemia do Coronavírus, senti a necessidade de colocar o assunto no documentário, acrescentando o tema no roteiro. Mas, com a Covid-19, as batalhas pararam, junto com as filmagens e entrevistas. Com cerca de 7 meses de filmagens paradas, retornei no fim de 2020, depois do decreto de reabertura feita pelo governador do estado.

Na volta, regravei algumas entrevistas para poder abordar o novo tema (imagem 1). Os locais que aconteceram as gravações foram na maior parte em praças públicas, sendo duas gravações em local fechado. Ao todo foram realizadas oito entrevistas.

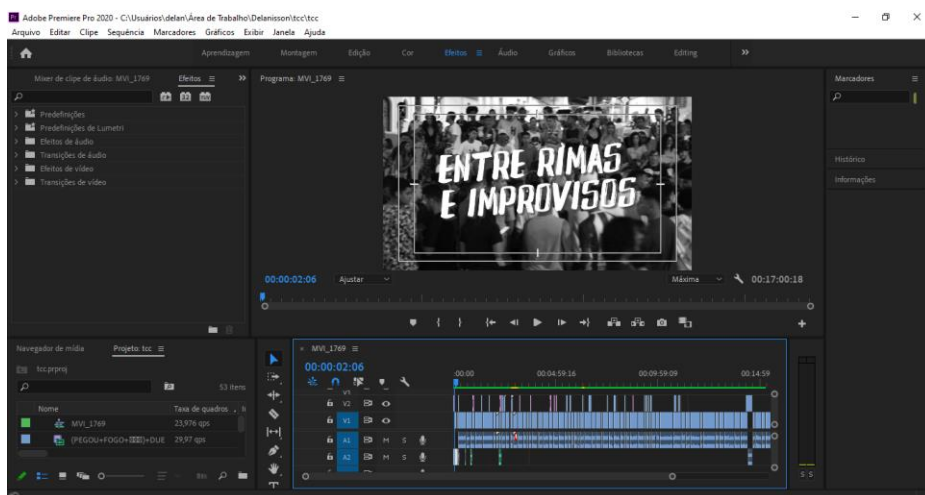
Imagem 1 – Entrevista com Diego Verdino



Foto: Zazo (2020)

Começando a edição do documentário (imagem 2), percebi que as falas dos entrevistados seguiam um raciocínio, na qual deixei de lado a ideia de um narrador e fiz a linha de pensamento toda a partir do que era falado pelos personagens. Foi abordado no vídeo temas como o início das batalhas e as primeiras batalhas no estado, seletivas, o que representa e a primeira participação no Duelo Nacional, preconceitos, dificuldades, pandemia, etc.

Imagem 2 – Montagem do filme na ilha de edição



Fonte: Autor (2021)

Para fazer a abertura do documentário (imagem 3), assisti alguns curtas de produção independente e até mesmo making of, que normalmente são produtos simples. Assim, peguei algumas imagens que “sobraram” e fiz a abertura apresentando o título escolhido.

Imagem 3 – Abertura do filme “Entre Rimas e Improvisos: as batalhas de rap em Alagoas”



Fonte: Autor (2021)

Como é de costume para mim, a escolha do título foi um pouco difícil, “Entre rimas e improvisos: as batalhas de rap em alagoas” não é um título tão criativo, mas é bem direto sobre o que o documentário que falar.

Já que o tema são batalhas de hip-hop, a escolha dos efeitos visuais e sonoros são ligados a cultura. Os efeitos visuais, presentes nas legendas e abertura, é o “Spray de Tinta”, pensei nele por um dos pilares do movimento ser o *grafitti*. Já no efeito sonoro, são de *beats* usados nas próprias batalhas, alguns de músicas famosas e outros desconhecidos.

Muitas imagens presentes no curta são da internet, como batalhas antigas, imagens do Duelo Nacional, lives, etc. Como transição de temas, coloquei trechos de vídeos dos Mcs mandando *Punchline*, termo usado para rimas bem elaboradas.

As filmagens das entrevistas e de algumas cenas foram feitas com equipamentos próprios, como câmera, microfone e tripé. Os materiais extras, como iluminação e microfone de lapela, são de terceiros, disponibilizados de forma gratuita.

Para captação das imagens foi utilizada uma câmera Canon SL2 com tripé, o microfone de lapela e microfone direcional da RODE (imagem 4). Para a edição de imagens foi utilizado o programa Adobe Premiere.

Imagem 4 – Equipamentos utilizados



Fonte: Autor (2021)

4.1 Entrevistados:

Foram realizados ao todo sete entrevistas de Mcs, produtores e organizadores de batalha. Com a pandemia da Covid-19, foi feita uma regravação. A partir da edição e forma que o raciocínio do curta foi direcionado, uma entrevista ficou de fora.

- Diego Verdino – Mc, Produtor e Diretor do movimento Noiz Q Faiz
- Aymar Maciel (Nego Love) – Bboy e Mc
- Felipe Guimarães Ayres (Gigante) – Mc
- Alice Gorete – Mc e Produtora
- Victor Felipe (Kenshin) – Mc
- Abraão J. Da Silva (Duende) – Mc e Produtor

4.2 Cronograma de filmagens

- 1ª filmagem (16/01/2020)

As primeiras captações de imagens foram na Batalha da Lost, onde pude aproveitar vários vídeos dos Mcs rimando, pude aproveitar também as *Punchlines* dos rimadores, que ficaram nas transições dos temas abordados no filme.

- 2ª filmagem (22/01/2020)

A primeira entrevista foi realizada ainda em janeiro de 2020, onde entrevistei o produtor, Mc e organizador da Batalha Marginal, Diego Verdino. O produtor é um dos cabeças das rinhas de freestyle aqui em Alagoas e um dos protagonistas do filme. Nesse dia, também tive a oportunidade de filmar a Batalha do Osman, localizada no bairro do Clima Bom.

- 3ª filmagem (23/01/2020)

No embalo da produção do curta, aproveitei minha ida à capital para filmar a segunda entrevista, que foi com a Mc e organizadora da Batalha da Guild, Alice Gorete. A entrevista foi pouco antes de ser realizada a batalha, que fica localizada no bairro do Jacintinho, nesse dia também pude filmar os Mcs rimando.

- 4ª filmagem (fevereiro de 2020)

A quarta filmagem foi no Complexo Cultural Teatro Deodoro, na qual foi uma entrevista com o Abraão J. Da Silva, também conhecido como Mc Duende. O Duende além de Mc também é organizador da Batalha da SD, localizada no bairro Santos Dumont. Fazer essa entrevista no 1º Salão de Arte Contemporânea de Alagoas foi bem significativo para o que hip-hop é e os espaços que ele pode conquistar.

- 5ª filmagem (agosto de 2020)

Com a pandemia da Covid-19, as entrevistas e filmagens tiveram que ser interrompidas, voltando apenas no mês de agosto, quando o governador do estado decretou reabertura. Na volta, a entrevista foi com Victor Felipe, conhecido na cena como Mc Kenshin. O Mc, junto ao Skinny Mc, foram os primeiros alagoanos a participar do Duelo Nacional de Mcs, em Belo Horizonte, no ano de 2019.

- 6ª filmagem (25/09/2020)

Com o Coronavírus entrando no roteiro do curta, senti a necessidade de fazer uma regravação com o Diego Verdino, para pegar sua opinião e saber o que estava acontecendo na cena das batalhas de rap diante a pandemia.

- 7ª filmagem (17/12/2020)

A terceira entrevista após a abertura da quarentena foi com Felipe Ayres, o Gigante, como é conhecido nas ruas. A filmagem foi no bairro do Graciliano Ramos, parte alta de Maceió. O Gigante está desde o comecinho das batalhas de rap em Alagoas e é o organizador de uma das primeiras rodas de improvisação daqui do estado.

- 8ª filmagem (dezembro de 2020)

A sétima e última filmagem foi a entrevista com Aymar Maciel, conhecido como Nego Love. Mc e bboy, Nego Love faz parte logo de duas categorias do hip-hop, sua entrevista foi na casa de um amigo em comum, na Vila Brejal.

4.3 Cronograma de produção

Atividades	2020					2021					
	JAN	FEV	AGO	SET	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Entrevistas	X	X	X	X	X						
Gravações de batalhas	X										
Pesquisa bibliográfica					X	X	X				
Edição de vídeo							X	X			
Produção do Relatório									X	X	
Revisão								X	X	X	
Entrega										X	
Defesa do TCC											X

4.4 Ficha técnica

Gênero: Filme-expositivo

Tempo: 00:16:57

Idioma: Português

Ano de lançamento: 2021

Direção, captação e roteiro: Delanisson Araújo

Orientação: Raquel do Monte

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos temas abordados no documentário e das falas dos entrevistados, conseguimos entender a profundidade que as batalhas de rap estão nas vidas dos rimadores, produtores e organizadores. Com o hip-hop sendo em sua essência uma cultura de luta e protesto do povo periférico, temos duas formas de ver essa vertente cultural.

Em muitas falas podemos compreender as batalhas como uma forma de politização e resistência feitas através da juventude em bairros periféricos, tornado mais atrativo, já que as batalhas também são manifestações musicais, produções artísticas e entretenimento.

Por outro lado, partindo do atual crescimento da cena, podemos compreender esses eventos como forma de ser visto por um público, de divulgar sua arte. Algumas dessas batalhas tem uma visibilidade tão grande que ela se torna uma oportunidade para apresentar outros trabalhos e não apenas suas rimas.

O Duelo Nacional de Mcs, por exemplo, não carrega apenas a responsabilidade de “ensejo”, como disse Alice Gorete: “a galera visa o nacional como uma oportunidade, para muitos não é nem uma questão de sonho, mas questão de oportunidade, para questão de visibilidade [...] porque você vai ter basicamente o Brasil inteiro com os olhos virados para você”. Essa compreensão oferecida pela Mc é pela batalha Nacional ser um dos maiores eventos de rima e por ter sido palco de divulgação de vários Mcs que se tornaram famosos.

Apesar de toda essa visibilidade e sonho que as batalhas de rap vem gerando na juventude, em sua maioria negra e moradora de periferia, muitas batalhas, principalmente as que estão localizadas em bairros pobres, não são vistas como produção cultural, mas sim como “bagunça”, com isso acabam sofrendo preconceito e repressão policial.

A última fala do documentário representa bem o sentimento dos Mcs, organizadores e produtores de batalhas em Alagoas, quando é dito que “o mais importante pro fazedor é que queira fazer”, o que expressa a falta de apoio e incentivo por parte do poder público e das grandes produtoras do estado. Seguindo esse mesmo discurso, quando é falado que “é guerra, sempre foi assim e sempre será pra quem é da periferia”, demonstra o lado preconceituoso e racista que o hip-hop historicamente sofre.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As batalhas de rap em Alagoas, além de ser uma forma de produzir cultura, também podem ser compreendidas como instrumento de transformação da vida da juventude. Esses eventos têm a força de diminuir a ociosidade de uma juventude, seja nos bairros da capital ou nas cidades do interior. Essa mudança não é apenas para os rimadores e para quem organiza, mas também para quem vai assistir toda semana, ouvir, sentir e até gritar pela melhor rima.

O documentário se propõe ser um trabalho que extrapole os muros da universidade na intenção de mostrar a realidade de uma juventude que promove arte e cultura, mas que continua marginalizada por sua raça e classe social.

Alagoas ainda está bem atrasada em comparação com alguns Estados do Brasil, mas aqui ainda temos a essência do que é o rap e o hip-hop, quando um Mc antes de iniciar sua rima puxa “isso é o rap do AL invadindo a pista e se bater de frente é fogo nos racistas”, demonstra que aqui seguimos fortes e conscientes.

A história e o processo de crescimento das batalhas aqui em Alagoas é outra coisa que o vídeo tenta mostrar, além da vivência de muitos produtores e rimadores, que estão tocando o movimento a quase dez anos, e que, apesar do pouco tempo de vida, já tem conquistado muita coisa.

O trabalho apresenta uma juventude que, sem dinheiro e sem apoio, consegue criar e produzir arte.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Ibrahim. Entre as Ruas e as Mídias: das redes de hip-hop aos circuitos de batalhas de rima alagoanos. 2019, 293 f. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 293.

A Cultura Hip Hop Vive em Alagoas, Direção e Produção: Gildeon Santos. Maceió (AL): KZebre Filmes e Fallin Entertainment, 2014. 1 vídeo (1h35m56s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-j4Q3Sr59F8>

NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário. 3ª Edição. Campinas/SP: Papirus Editora, 2008

Marco Zero do Hip-Hop, Direção: Pedro Gomes. São Paulo (SP): Erica Rocha, 2014. 1 vídeo (15m37s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3uoZ7ztjSDI>

É Tudo Nosso! O Hip-Hop Fazendo História, Direção: Toni C. São Paulo (SP): Toni C, 2007. 1 vídeo (3h02m07s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fS0eNEoFwzs>

CAMARGOS, Roberto. Rap e Política: Percepções da Vida Social Brasileira. São Paulo/SP: Boitempo Editorial, 2015.

GOMES, Ferreira Amanda. Rinha dos MC's e as batalhas de MC's de hip-hop na cidade de São Paulo: uma compreensão antropológica. In: IV Simpósio Internacional de Cultura e Comunicação na América Latina. n. esp., p. 838-860, 2019, São Paulo.